

## Programa 4

### 4.2. Atualidade do pensamento freireano

Maria Margarida Machado<sup>1</sup>

Revisar Paulo Freire em suas obras, retomando sua contribuição para o campo da alfabetização de jovens e adultos, é o que pretende este texto. Apontar as reflexões ainda tão atuais do livro *Pedagogia do Oprimido*, da década de 1960, e reafirmar as convicções do autor em *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia da Autonomia*, escritos na década de 1990, chama a atenção dos educadores de jovens e adultos para a atualidade do pensamento freireano no contexto da realidade brasileira.

O reencontro com Freire é a experiência de dialogar com quem produziu reflexões acerca da teoria e da prática na educação de jovens e adultos a partir de sua vivência, é o que ele mesmo chamava de "o saber de experiência feito". É, ao mesmo tempo, um convite para os professores que atuam em alfabetização e educação de jovens e adultos revisitarem e refletirem sua própria prática.

A Pedagogia do Oprimido representa uma síntese da compreensão da vida humana por Freire, construída num diálogo freqüente do autor consigo mesmo e com alguns interlocutores, com os quais teve a oportunidade de dividir a difícil experiência dos primeiros quatro anos de exílio no Chile. O método de elaboração, utilizando fichas que retratavam as reflexões prementes do autor, sobre o aprendizado entre as populações mais pobres da periferia de Pernambuco, confrontando e relendo esta realidade com o auxílio de autores como Marx, Lukács, Fromm, Gramsci, Fanon, Memmi, Sartre, Kosik, Agnes Heller, M. Ponty, Simone Weill, Arendt, Marcuse... Distanciar-se do vivido para pensá-lo, buscar as ligações entre as tramas do cotidiano, elaborar uma interpretação da realidade, estes foram os passos seguidos por Freire que resultaram na visão de mundo por ele expressa no livro. Um conceito básico em sua obra é o do ser humano produtor da sua realidade, constituindo sua humanidade na relação com o outro, no diálogo com o outro. Isto só é possível se este sujeito histórico reconhece a sua condição de oprimido e a necessidade de superar esta condição.

Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão (Freire, 1993, p. 30).

Na radicalidade do pensamento freireano está a ênfase na relação entre leitura do mundo e o engajamento no processo de mobilização e de organização para defesa dos direitos, para a reivindicação da justiça, para toda e qualquer luta. No capítulo três do livro *Pedagogia do Oprimido* está um exercício de construção metodológica que visa contribuir com os educadores que buscam a educação como prática da liberdade. Não é uma tarefa simples fazer com que os educandos se vejam como sendo capazes de conhecer, da mesma forma como o educador é capaz

de conhecer, e que entre os dois, ensinar e aprender são momentos deste processo maior de acessar e produzir conhecimento.

A busca da superação da educação bancária, para Freire, exige do educador que este esteja imerso na realidade onde está atuando, deixe-a revelar suas tramas e se posicione diante desta realidade. Comece por si próprio esta busca, identifique sua história de vida, reconheça os momentos em que viveu a condição de opressor e oprimido, reconheça-se enquanto ser de contradições, para poder ajudar os educandos a fazerem o mesmo. A forma como este educador mediatiza a produção de conhecimento dos educandos também é fator decisivo para contribuir para que estes de fato se reconheçam produtores de saber.

Para o pensar ingênuo, o importante é a acomodação a este hoje normalizado. Para o crítico, a transformação permanente da realidade, para a permanente humanização dos homens. (...) Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação (Freire, 1993, p. 83).

Existem outros olhares importantes e necessários que podem ser feitos em *Pedagogia do Oprimido*. Esta é uma tarefa de cada alfabetizador e educador de jovens e adultos, que pode seguir o caminho do autor, que retomou diversas vezes suas fichas de anotações até chegar ao formato do livro publicado. Para Freire, retomar as fichas significava confrontar-se com o vivido e aprendido e reelaborá-lo; para nós, retomar a leitura do livro é deixar com que suas idéias provoquem inquietude no nosso fazer cotidiano de professores.

Paulo Freire, em 1992, nos apresenta um reencontro com a *Pedagogia do Oprimido* no livro *Pedagogia da Esperança*. Já nas primeiras palavras do livro, Freire vai retomar o que considera ainda importante enfatizar a respeito da esperança:

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas à pura cientificidade, é frívola ilusão. (...) O essencial é que a esperança precisa ancorar-se na prática (Freire, 1992, p. 10-11).

Esta obra representa um exercício de memória do seu caminho percorrido, retomando o início da profissão de advogado; o trabalho nos núcleos e centros sociais do SESI; a experiência do aprendizado com os pescadores, camponeses e trabalhadores urbanos, nos morros e córregos de Recife; o contato, no Chile, com os camponeses que já tinham uma clara consciência do opressor. Esta trajetória de vida resultou em *Pedagogia do Oprimido*: "o saber de experiência feito".

Um objetivo claro de Paulo Freire é reafirmar sua crença no homem enquanto produtor de sua história. Mesmo num contexto de tanto desalento, onde visões como a do fim da história, dos fatos imutáveis e da busca das soluções individualizantes para os problemas da humanidade, há de se afirmar a necessidade de busca de um radicalismo crítico. Mais do que isto, há de se colocar novamente em questão a natureza diretiva e política da educação, retomando aí o papel de educadores e educandos.

Uma contribuição importante de *Pedagogia da Esperança*, relendo *Pedagogia do Oprimido*, para alfabetizadores e educadores de jovens e adultos, é refletir sobre conceitos fundantes da prática cotidiana, como o de alfabetização: Quem procura cursos de alfabetização de adultos quer aprender a escrever e a ler sentenças, frases, palavras, quer alfabetizar-se. A leitura e a escrita das palavras, contudo, passa pela leitura do mundo. Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica, política e pedagogicamente, capenga (Freire, 1992, p. 79).

No contexto em que tantas práticas de alfabetização de jovens e adultos são retomadas, induzidas inclusive pelo poder público, a pergunta é se conseguimos compreender o desafio proposto por Freire, de entendermos alfabetização para além da aquisição e produção de conhecimentos cognitivos, mesmo sendo estes necessários e imprescindíveis. Se somos capazes de sair da armadilha de buscar a "receita ideal" para alcançar a alfabetização (começando por texto, por palavras, por frases...), e alcançarmos o sujeito cognoscente. O reencontro do educador e do educando enquanto sujeitos produtores de sua realidade.

Na reflexão de Freire, dialogando em muitas partes do livro com sua experiência enquanto Secretário Municipal de Educação em São Paulo, estão postas muitas outras questões que não foram superadas e se colocam ainda hoje para os educadores. Como superar a ideologia autoritariamente elitista da formação dos educadores? Como buscar, enquanto profissional, o exercício difícil da humildade, da coerência, da tolerância, sem deixar de ainda assim ser crítico? Como entender o processo de definição de conteúdos, de construção do currículo enfim, como uma prática coletiva entre educadores e educandos?

De alguma forma, Freire recoloca estas e muitas outras inquietações presentes sobre a prática educativa, em sua última obra publicada antes de morrer, em 1997, a *Pedagogia da Autonomia*. Este "pequeno" livro (uma edição de bolso) sintetiza, num diálogo bastante pedagógico, direcionado aos educadores e educadoras, a Pedagogia do Oprimido e a Pedagogia da Esperança. Já tendo a certeza da grande contribuição de suas obras para a construção de uma pedagogia diferente no Brasil, Freire encerra suas publicações em vida, provando, mais uma vez, em *Pedagogia da Autonomia*, a importância do "saber de experiência feito". Fica um convite a cada alfabetizadora e alfabetizador para a leitura deste livro que motivará debates profícuos nos encontros de formação continuada.

### **Bibliografia**

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 21ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

\_. *Pedagogia da Esperança - um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_. *Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

NOTAS:

1 Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.

**SALTO PARA O FUTURO / TV ESCOLA**

**[WWW.TVEBRASIL.COM.BR/SALTO](http://WWW.TVEBRASIL.COM.BR/SALTO)**